

NOVA CATEGORIA É FRUTO DE MÍNIMO EM ALTA E SALÁRIO MÉDIO PARADO

Ipea cria a neoclasse média

Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) revela que o crescimento econômico, do salário mínimo e as transferências do governo fizeram com que a taxa de pobreza caísse de 35%, em 2003, para 27,1% em 2006. Para 2008, a estimativa do Ipea é que chegue a 24,1%. Segundo o Ipea, também cresceu o número de pessoas de classe média. Mas o estudo não considera os ganhos financeiros (juros, ações e aluguéis).

Entre 2002 e 2008, a projeção é de que 3 milhões de pessoas deixem a pobreza nas seis maiores regiões metropolitanas. Os ricos também se beneficiaram dos ganhos de produtividade, que não foi repassado aos salários.

A economista Beatriz Dias David, do Ipea, diferencia o aumento da desigualdade

ocorrido na China em função do crescimento acelerado do que acontece no Brasil:

“No Brasil, estamos diminuindo o número de pobres e aumentando a classe C, à custa da classe média e da especialização como produtores de commodities. Já na China esse movimento se dá em proveito da classe média e da industrialização, em detrimento dos pobres. Tanto que organismos internacionais têm recomendado a volta da seguridade social no campo”, afirma Beatriz.

Além da produtividade, os ricos também se apropriam da renda financeira. “Se a pesquisa (baseada em dados Pnad), considerasse os ganhos financeiros, a desigualdade revelada seria muito maior, pois somente uma elite entre os assalariados pode adicionar algum ganho financeiro à



Programas sociais e aumento do mínimo reduziram o nível de pobreza

sua renda. Já o ganho de produtividade, se fosse repassado não haveria todo esse aumento no investimento", disse Beatriz, acrescentando que a

desigualdade brasileira pode ser comparada à do Chile, "país rentista e exportador de matérias-primas".

O estudo informa ainda que

a chamada indigência deverá cair mais do que a pobreza entre 2003 e 2008 (projeção): 48,3%.

Página 3

FGV GARANTE MUDANÇA DE STATUS COM APENAS R\$ 1 MIL

Classe média de apenas 2 salários

Estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) concluiu que a classe média representaria mais da metade da população nas seis principais regiões metropolitanas do país.

Para ser considerado de classe média pela FGV, porém, basta ter renda domiciliar de apenas R\$ 1.064 por mês. Ou seja, a família ganhar cerca de dois salários mínimos e meio. Ao fixar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 a renda necessária para ingressar na classe média, o Centro tornou este segmento o mais numeroso do país, puxado pelo aumento do emprego com carteira assinada.

O estudo também não considera os ganhos financeiros –

juros, ações e aluguéis – baseando-se apenas na renda das famílias. Diante desse recorte, a pesquisa insiste em que hoje haveria maior probabilidade de ascensão da classe média às camadas mais altas do que há seis anos.

Desde 2002, a participação da classe média na população economicamente ativa aumentou de 44,19% para 51,89% nas seis regiões metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), que formam a base da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O economista Marcelo

Nery, um dos coordenadores da pesquisa, usou dados da PME para traçar um retrato da classe média configurada pelo estudo e sua evolução nos últimos seis anos.

Ele aponta como um dos principais fatores que contribuíram para inflar esta faixa de renda a expansão nos empregos com carteira assinada: "A carteira assinada é o grande símbolo da classe média", resume.

A pesquisa revelou ainda que a renda média domiciliar total da população pesquisada passou de R\$ 1.784,08 para R\$ 1.956,90 de abril de 2002 para abril deste ano, aumento de 9,6% ou apenas 1,2% por ano.